

A índia Tuíra investe com um facão contra o diretor da Eletronorte: "Não interessa o progresso"

Os caiapós...

## Ecologia

# O aviso dos caiapós

*Com festas e ameaças, os índios condenam a construção da hidrelétrica de Kararaó*

O 1.º Encontro dos Povos Indígenas do Xingu, realizado na semana passada em Altamira, a 740 quilômetros de Belém, no coração da Floresta Amazônica, se transformou na grande taba dos ecologistas do planeta. Ali, 600 índios caiapós e 300 jornalistas do Brasil e do exterior — numa média de dois silvícolas para cada repórter — sentaram para fumar o cachimbo da paz e bradar contra a devastação da Amazônia. No centro do encontro, estava o totem principal — a usina hidrelétrica de Kararaó, que inundará uma área de 1 225 quilômetros quadrados de selva, o equivalente a 1 134 campos de futebol. Mais do que índios e homens brancos, a festa em Altamira serviu para mostrar ao mundo a coleção de tribos ecológicas, de todos os matizes de verde, que lutam pela preservação da floresta. Em Altamira, havia caciques e pajés de todo o tipo. Do inglês Sting — o índio roqueiro,

que chegou acompanhado do txucarramãe Raoni e da idéia da criação da Fundação Mata Virgem — ao ambientalista de primeira viagem Fernando César Mesquita, presidente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente, representando o governo, e um dos poucos a defender a construção da usina. Mais raros que os defensores da usina Kararaó, só os que conseguiam explicar com razoável clareza por que ela não deve ser construída.

Não faltaram ao encontro, ainda, grandes nomes da ecologia internacional, como a advogada americana Barbara Bramble, diretora do programa internacional da National Wildlife Federation, uma entidade não governamental dos Estados Unidos que proclama ter 5 milhões de filiados, e o antropólogo Stephan Schwartzman, diretor da Environmental Defense Fund, que vive de campanhas contra a liberação de verbas para

projetos na Amazônia. As tribos dos cientistas florestais e dos políticos americanos que carregam a idéia de transformar parte da dívida externa brasileira em investimentos ambientais para a Amazônia também se fizeram representar em Altamira. "Parecia um festival de Woodstock amazônico", compara o jornalista Ivo Dawnay, do *Financial Times*. Pintados com urucum e jenipapo, enfeitados com cocares, colares e bordunas à mão, os índios misturavam-se a fotógrafos e cinegrafistas também pintados e ornamentados.

**GUME AFIADO** — O mote do encontro foi mesmo a polêmica construção da usina hidrelétrica que a Eletronorte pretende fazer funcionar em meados do ano 2000. Prevista para ser construída na volta grande do Rio Xingu, entre as cidades de Altamira e Belo Monte, ela subirá a um custo de 5,9 bilhões de dólares — ou 4 800 dólares para cada metro quadrado da área que destruirá. "Embora a alternativa hidrelétrica também provoque impactos ambientais negativos, eles podem ser em sua maioria atenuados no decorrer do período de implantação e operação da usina", afirma o engenheiro José Antonio Muniz Lopes, diretor de planejamento da Eletronorte. Foi com idéias deste gênero, compreensíveis para o cargo que ocupa, que Muniz Lo-



FOTOS ROSA GAUDIANOFOTOGRAMA

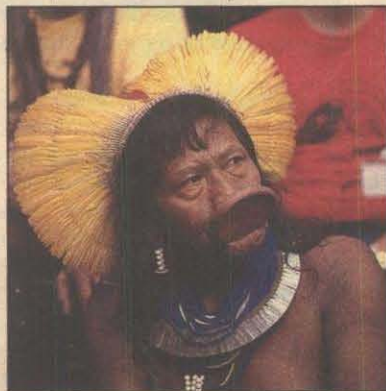
...bailam na abertura do 1.º Encontro dos Povos Indígenas do Xingu: alerta

pes protagonizou a cena mais explosiva do encontro dos povos indígenas.

Na terça-feira, ele fazia uma defesa apaixonada da construção da hidrelétrica de Kararaó, anunciando investimentos superiores a 6 bilhões de dólares na região, quando foi surpreendido com a ação da índia caiapó Tuíra, que vive na aldeia Gorotire e é casada com o irmão do cacique Kube-I. Gritando incompreensíveis frases em caiapó — “não precisamos de energia, vocês querem tomar a terra do índio, não interessa o progresso” —, Tuíra investiu com um terçado, o facão longo utilizado na roça, contra Muniz Lopes. Por diversas vezes, sempre aplaudida por mais de 1 000 pessoas presentes ao Ginásio da Prefeitura de Altamira — sede do encontro —, a índia encostou o facão com o gume afiado no rosto e no pescoço do lívido diretor da Eletronorte, que, atônito, não saiu do lugar. Se um homem branco manuseasse um revólver ao discutir com índio, seria certamente acusado de truculento, ameaçador e boçal — um assassino em potencial. Como quem agrediu foi uma índia, não faltaram sofisticadas explicações e justificativas para que o pescoço do diretor da Eletronorte fosse roçado pelo facão selvagem. “Aquilo foi uma lição. Tuíra mostrou ao branco que ele não deve fazer projeto que prejudique índios sem nos consultar”, explicou o cacique Paulinho Paiacan, da Aldeia A-Uckre, de São Félix do Xingu, no sul do Pará, o líder do encontro. Ao che-

gar em Altamira, Paiacan foi recebido por mais de 100 jornalistas ao pé da escada do avião que o transportou. Recém-operado de uma apendicite e festejado por mais de 200 índios caiapós, ele chorou.

**ORELHAS** — Para o antropólogo americano Darrel Posey, o ritual de Tuíra, mais do que uma agressão, foi um aviso. “Foi um gesto parecido ao do cacique Raoni, que em 1984 puxou as orelhas do ministro do Interior, Mário Andreazza”, diz Posey. “Com o ritual da faca, Tuíra estava dizendo: ‘olha, nós não estamos brincando, não’.” Surpreso com a investida, o diretor da Eletronorte aposta numa provocação. “O Cimi e a Comissão Pastoral da Terra incitaram os índios contra a construção da usina”, diz Muniz Lopes. “A reação de uma índia é a prova de que houve incitamento. Por ser mulher, ela teria respeitado a hierarquia da tribo. Gritos como esses e ameaças naquelas proporções são reservados aos guerreiros caiapós.” Casada, mãe de três filhos, Tuíra tem grande liderança entre as mulheres da aldeia Gorotire, em São Félix do Xingu.



O cacique txucarramãe Raoni

A agressividade da índia não só assustou Muniz Lopes como também parece ter surtido algum efeito. Em Brasília, na quinta-feira da semana passada, os diretores da Eletronorte resolveram abandonar o nome Kararaó para batizar a usina. Os índios argumentaram que Kararaó — um dos gritos de guerra caiapós — não poderia servir como nome para a hidrelétrica, já que seria uma ofensa à memória dos inimigos históricos daquela nação. Os diretores da Eletronorte resolveram então batizar a usina de Belo Monte, a cidade próxima ao local onde ela será construída.

Assim como o diretor de planejamento da Eletronorte, ameaçado com uma faca, o roqueiro Sting também não teve muita sorte em Altamira. No final do encontro, ele acabou tendo um desentendimento com os índios caiapós — uma viagem atabalhoada. Em Brasília, Sting encontrou-se com Sarney e referiu-se ao presidente como sendo um “grande ecologista” — algo que nem Fernando Cesar Mesquita ousa fazer. “O que você veio fazer aqui?”, perguntou Paulinho Paiacan ao roqueiro. “Queremos saber se você veio nos apoiar ou só aparecer.” O entrevero surgiu depois que Sting desembarcou em Altamira e se recusou a fazer qualquer comentário em relação à hidrelétrica. “Não estou aqui para dar declarações sobre a usina, já que não conheço o problema a fundo”, argumentou, sensatamente, o ex-integrante do Police. Amigo de Raoni, o roqueiro não perde oportunidade para defender os índios do Xingu e o verde da Amazônia. Até se dispôs a criar a Fundação Mata Virgem, cujo objetivo seria comprar terras e doá-las aos índios. Mesmo com todas essas boas intenções, deuse mal na selva brasileira.

**“UIVANDO COMO LOBO”** — A depender da recepção dedicada ao representante do governo em Altamira, o jornalista Fernando Cesar Mesquita, presidente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente, Sarney é no máximo um pequeno ecologista. “Não adianta ficar uivando como lobo que eu não vou me intimidar”, reagiu ele contra as vaías que recebeu no ginásio de esportes de Altamira. “Se o governo quisesse, teria esvaziado esse encontro. Bastaria o presidente Sarney anunciar que todos os estudos de viabilidade sobre a construção da hidrelétrica de Kararaó estariam suspensos até segunda ordem. Mas não. Fizemos questão de prestigiar este en-

contro de índios”, afirmou o caudaloso jornalista, sem conseguir se fazer entender. A mesma questão não fizeram os proprietários rurais ligados à União Democrática Ruralista, a UDR. Defensoras entusiasmadas da hidrelétrica e do dinheiro que ela trará à região, cerca de 10 000 pessoas capitanearam uma passeata, montadas em cavalos, organizada pelo Movimento Pró-Kararaó. “Os custos ambientais serão pequenos se comparados ao progresso que a hidrelétrica trará para Altamira”, afirmou Wanderlan Cruz, presidente da UDR na região da cidade.

Entre facas afiadas, índios protestando com festa contra a hidrelétrica e fazendeiros da UDR, o que brotou com força em Altamira foi o esforço internacional para proteger a Amazônia. Desde que a proposta de conversão da dívida externa em investimentos ambientais na selva vingou, as tribos dos defensores da natureza que falam português com sotaque ganharam contornos mais nítidos. Há a turma dos cientistas, a turma dos políticos que mexem com a dívida e a tribo dos ecologistas ligados a fundações não governamentais. Ainda que um mesmo cacique possa participar de duas ou três tribos ao mesmo tempo, cada uma delas tem um ritual específico — uma estratégia de luta e pressão em defesa daquilo que um dia se convencionou chamar de “Pulmão Verde do Planeta Terra”. A expressão é velha, mas é assim mesmo que americanos e europeus se referem aos 7 milhões de quilômetros quadrados da mata amazônica.

**CIENTISTA** — No início desta década, o biólogo americano Thomas Lovejoy desvendou num editorial do jornal *The New York Times* uma proposta radicalmente inovadora e heterodoxa. O Terceiro Mundo, argumentava ele, teria algo a ganhar com sua dívida externa faraônica: a preservação de seus tesouros ecológicos. Hoje, a frase *debt-for-nature-swaps*, ou a troca da dívida por reservas da natureza, é coloquial na linguagem complicada usada por banqueiros e governos na procura da solução de dois problemas — o ônus da dívida e a falta de recursos necessários para a preservação das florestas tropicais. Como

vice-presidente da World Wildlife Fund até 1987 — que está para a floresta tropical assim como o Citibank está para a dívida externa —, Lovejoy administrou a conversão de débitos num valor de cerca de 6 milhões de dólares em reservas e parques do Equador, da Costa Rica e das Filipinas. Aos 47 anos de idade, fluente em português, Lovejoy trabalha na Amazônia desde 1965. Hoje, como subsecretário para assuntos externos da prestigiada Smithsonian Institution, ele está instalado quase na porta do Con-

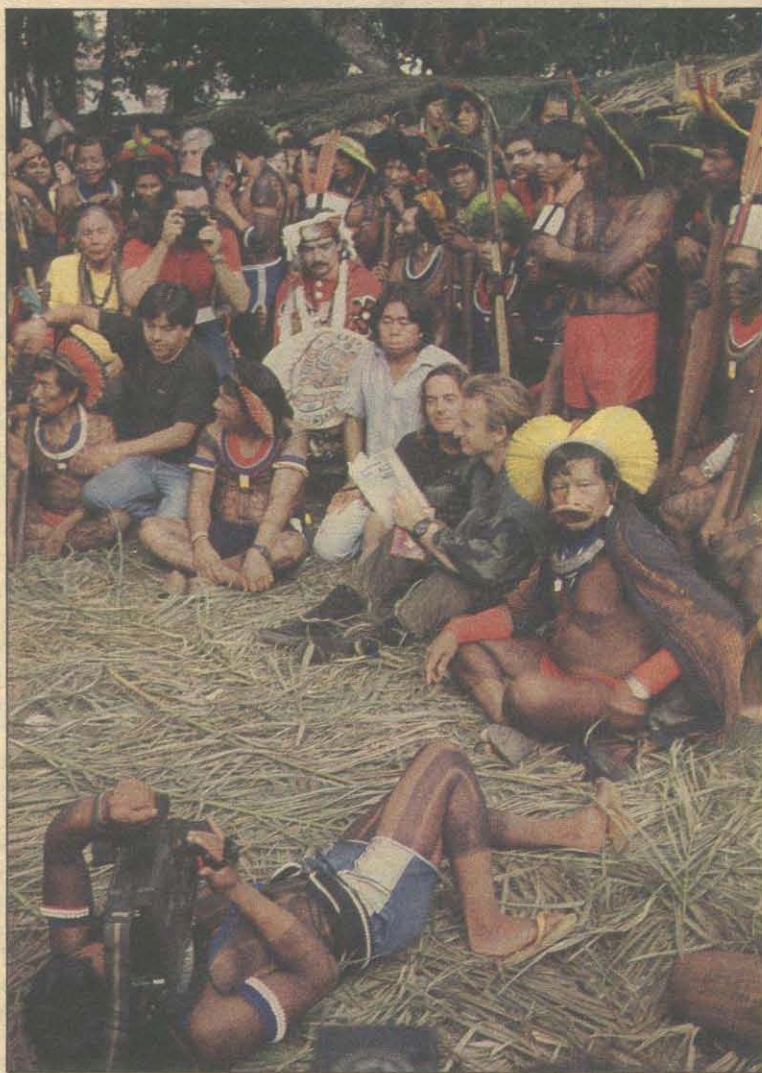
especializadas, Lovejoy é o grande cientista das teses ecológicas.

“O Brasil obteve recursos no exterior, aumentou sua dívida externa, pagando tecnologia, técnicos e equipamentos estrangeiros para fazer coisas como a Usina Nuclear de Angra dos Reis, que não funciona”, diz a advogada Barbara Bramble, 42 anos, diretora do programa internacional da National Wildlife Federation. Essa organização, fundada há 36 anos, é responsável pelo Fundo Chico Mendes, que recolhe verbas para a preservação da Floresta Amazônica. Barbara desfilava em Altamira na semana passada como uma digna representante da tribo dos ecologistas ligados a organizações não governamentais dos Estados Unidos.

**LOBBY** — A entidade que Barbara dirige conseguiu que o Banco Mundial sustasse a liberação de milhões de dólares para a conclusão do asfaltamento da estrada BR-364, no trecho que liga Porto Velho, em Rondônia, a Rio Branco, no Acre. O governo brasileiro recusou-se a cumprir o projeto de preservação do meio ambiente e das comunidades indígenas da área vizinha à rodovia. “Estamos fazendo pressões sobre os governos dos Estados Unidos, da Alemanha Ocidental e do Japão para que aceitem a criação de uma nova instituição financeira internacional, que compraria a dívida externa do Terceiro Mundo e faria novos pacotes financeiros”, diz Barbara. Segundo ela, com esta instituição a dívida a ser paga pelos países do Terceiro Mundo, hoje na casa de 1 trilhão de dólares, cairia para cerca de 500 bilhões. Para ver realizadas as idéias de sua federação, Bar-

bara Bramble lança mão de pressões para cima dos organismos que liberam os grandes negócios.

Enviar comunicados ao Congresso alertando para os riscos de uma construção que maltrate a ecologia é a tática usada pela maioria das entidades americanas que defendem o meio ambiente. É o caso da Environmental Defense Fund, dirigida pelo antropólogo Stephan Schwartzman, de 36 anos, que também esteve em Altamira. “O governo dos Estados Unidos está represen-



O roqueiro Sting gravado (ao centro): trapalhadas

gresso americano. Sua linha de telefone permanece ocupada várias horas todos os dias enquanto senadores e deputados preocupados com o estado precário do verde ouvem suas idéias. Desde que acompanhou um grupo de políticos americanos numa turnê pela Amazônia, no final do ano passado, várias propostas de legislação incentivando a troca da dívida pelo verde foram apresentadas no Congresso. Com um curriculum vitae que reúne catorze páginas, com dezenas de projetos, livros e artigos em revistas

PAULO SANTOS

tado no Banco Mundial e no Banco Interamericano de Desenvolvimento, que libera verbas para obras destruidoras do meio ambiente”, afirma Schwartzman. “Cabe a nós, cidadãos americanos que pagamos impostos, estudar com cuidado os efeitos nocivos desses projetos.” Uma das maiores vitórias ecológicas obtidas pelo Environmental Defense Fund aconteceu na Califórnia, em 1976, quando os ambientalistas conseguiram que a empresa estatal de energia elétrica sustasse a construção de dez novas usinas.

No Brasil, eles defendem uma tese apoiada também pelo físico José Goldemberg, reitor da Universidade de São Paulo. A idéia é simples. Com a aplicação de 8 bilhões de dólares na conservação de energia, com o fim aos subsídios para a indústria e investimentos em fontes alternativas, como a energia solar, o país economizaria cerca de 32 bilhões de dólares. Com sugestões como essa, Barbara Bramble, do National Wildlife Federation, e Stephan Schwartzman, do Environmental Defense Fund, são caciques da tribo dos ecologistas que misturam a ciência com o lobby para cima dos políticos e banqueiros.

Os resultados têm sido verdejantes. Wilian Reilly, ex-presidente da respeitada World Wildlife Fund, nos Estados Unidos, o



A passeata da UDR: 10 000 fazendeiros a favor da energia

PAULO SANTOS


Citibank da floresta, foi recentemente escolhido pelo presidente George Bush para liderar a agência de proteção ao meio ambiente americana. Reilly não é só o primeiro ecologista por profissão no comando do programa de proteção do meio ambiente nos Estados Unidos. Ele é também um dos grandes defensores da idéia da conversão da dívida por mato. Ao lado dele despontam nomes como os dos senadores Tim Wirth e Albert Gore Jr., ambos do Partido Democrata, que sabem exatamente se a Amazônia fica no sul ou no norte do Brasil. Para eles, cabe aos Estados Unidos auxiliar o Brasil na manutenção da floresta. É um consenso que não existe dentro do próprio governo brasileiro. Sarney disse aos senadores americanos,

num encontro em Brasília, que 5% das florestas foram dizimadas até hoje. O Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia calcula que 20% da Amazônia já foi destruída. Os americanos preferem acreditar nos cientistas, como fazem os índios caiapós.


No encontro de Altamira, na semana passada, eles provaram que têm lugar cativo no mundo das tribos dos defensores da natureza. Ao condenar a construção da hidrelétrica de Kararaó, que destruirá uma porção de suas terras, os caiapós se transformam em ecologistas de primeira linha. Mais complicado do que defender o verde contra uma usina, porém, é a defesa da própria civilização indígena. A uma década do século XXI, o ingresso dos nativos no dia-a-dia do mundo moderno tem sido, e será, traumático. Um trauma que se reflete no desembarque de Paulinho Paiaacan em Altamira a bordo de um avião ou nos radiografadores que dezenas de índios ostentavam na festa de Altamira. O índio quer preservar o verde, quer manter a posse de sua terra, que são direitos legítimos. O homem branco também quer preservar o verde, e somente um maluco pensaria em colocar fim aos índios dizimando-os. Mas o progresso tecnológico é inevitável. Vai além da ecologia a passagem do índio para esta época dos aviões e dos radiografadores.

## A aldeia dos defensores da natureza


Quais são as tribos no exterior que lutam pela preservação da Floresta Amazônica




Os senadores americanos **Albert Gore Jr.** (à esq.) e **Tim Wirth**, do Partido Democrata, são líderes de um grupo de congressistas — cada vez maior — que defende a conversão da dívida externa do Brasil em proteção para a Floresta Amazônica



**Barbara Bramble**, amiga dos índios, é a diretora da National Wildlife Federation, que tem 5 milhões de filiados. Foi a criadora do Fundo Chico Mendes



O biólogo **Thomas Lovejoy** trabalha na Amazônia desde 1965. Irmão de um renomado brasileiro e dono de um português fluente, é o mais respeitado cientista das florestas



O antropólogo **Stephan Schwartzman**, diretor do Environmental Fund dos EUA, um órgão não governamental, é mestre em pressionar os deputados e senadores

TORTELLINORTON